EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA

A DIVINA COMÉDIA

Resumo da Narrativa
(2ª. Versão)

A viagem de Dante começa na quinta-feira santa do ano 1300 e termina na quinta-feira de cinzas. Seu início coincide com o equinócio da primavera e a lua está cheia. Dante teria trinta e cinco anos então. A obra divide-se em três partes, Inferno, Purgatório e Paraíso, cada uma com 33 cantos (o Inferno tem 34), compostos em tercetos (1-3, 2-4, 4-6, 5-7...)

Arquitetura do Mundo Extraterreno

Sob a crosta terrestre abre-se, no hemisfério boreal, precisamente debaixo de Jerusalém, uma profunda depressão em forma de cone, criada pela queda de Lúcifer, o anjo rebelde, que se acha cravado no fundo do abismo que vai até o centro da terra. As terras que saltaram durante a queda do anjo confluíram no hemisfério austral, formando uma ilha constituída por uma montanha cônica no cimo da qual está colocado o Paraíso Terrestre, exatamente nos antípodas, portanto, de Jerusalém, e na fronteira extrema entre o mundo da matéria e o da imaterialidade.

Na depressão, que se abisma em nove círculos concêntricos, está situado o Inferno. Os condenados estão disseminados, nestes círculos, de acordo com a gravidade dos pecados; e o pecado é tanto mais grave quanto mais violou o que o homem tem em si de divino.

Sobre a montanha cônica do hemisfério austral está situado, por seu lado, o Purgatório. As almas estão distribuídas sobre as ravinas que se escavam no flanco do monte. Sete sãos as faixas correspondentes aos sete pecados capitais; com o Ante-Purgatório e o Paraíso Terrestre é atingido o número nove que, com o número três, se encontra na base de toda a disposição da Divina Comédia. Os

dois reinos estão ligados por estreito subterrâneo que, do fundo do abismo infernal, leva à ilha do Purgatório, no hemisfério oposto.
O Paraíso encontra-se, naturalmente, no Céu, onde nove esferas circulam com órbitas sempre maiores e, com movimento sempre mais rápido, em volta da Terra imóvel, segundo o sistema ptolomaico. Acima delas, está o fulgurante Empíreo, onde resplende Deus, circundado pelos bem-aventurados triunfantes.
O Inferno é o território da
ausência de amor, o Purgatório é o mundo do amor imperfeito e o Paraíso representa o reino do amor pleno.

O Inferno
No meio do caminho da sua vida, Dante, tendo-se perdido numa
“floresta escura”, tenta em vão subir uma colina luminosa, mas três feras, um leopardo, um leão e um lobo, que simbolizam as concupiscências humanas, impedem-lhe o passo. O poeta romano Virgílio, enviado por Beatriz, Santa Lúcia e pela Virgem Maria, aparece ao poeta da Eneida, prevê o advento de um Veltro que venceria a fera para “redimir a Itália” e propõe-lhe outro caminho para chegar à contemplação de Deus, um áspero e terrível percurso que atravessa os domínios de Lúcifer. Dante fica hesitante e só quando Virgílio o informa de que tal privilégio lhe foi concedido pela oração de uma mulher bendita, Beatriz, que tanto deseja a sua salvação, o poeta se tranqüiliza e dirige-se para seu destino, guiado por Virgílio.
Atravessado o limiar infernal, um portão com o aviso “Deixai toda a esperança, vós que entrais”,

Dante encontra no vestíbulo os covardes, os que viveram "sem infâmia e sem louvor", juntamente com os anjos que, quando da revolta de Lúcifer, não souberam de que lado se colocar. Estes, que quiseram impedir a batalha, estão agora condenados a perseguir sem descanso uma bandeira, pungidos por vespas e zangãos. Primeiro exemplo, este, da lei do contrapasso segundo a qual em todo o Inferno as penas são infligidas em estreita relação - de analogia e de contraste - com os pecados cometidos. A mesma lei governa o Purgatório.
Entre o vestíbulo e o primeiro circulo do Inferno corre o rio Aqueronte. Aqui param os recém-chegados, esperando que Caronte, o demônio dos "olhos de brasa", os atravesse para a outra margem, onde serão julgados por Minos, monstruoso juiz que, dando voltas na cauda, indica o círculo a que cada pecador está destinado. No primeiro círculo, para além do rio, há o Limbo, que recebe as almas das crianças mortas sem batismo e as daqueles que honestamente viveram antes da vinda de Cristo.
Não há penas no Limbo, mas uma atmosfera de deprimente melancolia. Dante encontra aí os grandes da antigüidade: Homero, Aristóteles, Horácio, Ovídio, Lucano e outros. O Inferno propriamente dito começa, portanto, apenas no segundo círculo, onde os luxuriosos são arrebatados por tempestades de vento. Entre esses está Francesca de Rímini, ainda abraçada ao seu Paolo Malatesta, que narra ao poeta sua trágica história.
No terceiro círculo os glutões são flagelados por uma chuva putrefata e ferozmente vigiados por Cérbero, o cão com três cabeças. O florentino Ciacco fala a Dante das lutas entre as facções opostas da sua cidade. No círculo seguinte, desfilam os avarentos e os pródigos, que empurram pesos enormes, e depois os iracundos, os indolentes, os invejosos e os soberbos, todos imersos na lama ardente do pântano do Estige.
Para atravessarem o pântano, Dante e Virgílio aproveitam a barca do demônio Flégias, que os deixa na porta da cidade de Dite. Seus muros de fogo encerram a parte mais baixa e mais terrível do Inferno, aquela onde mais graves são as culpas e mais terríveis as penas. Certas penas parecem sugeridas por desprezo; outras por fantasias atrozes.
Os diabos estão decididos a impedir a entrada na cidade de Dite àquele que "sem morte vai pelo reino da gente morta": trancam todas as portas, enquanto as três fúrias aparecem por sobre as ruínas e, junto com elas, Medusa, que tenta petrificar Dante. Chega a tempo um enviado celeste que, com o toque de uma vara, abre as portas do reino de Dite, repreendendo asperamente os diabos.
Recomeça a viagem, e Dante vê em sepulcros de fogo os heréticos, entre os quais Farinata; os violentos contra o próximo, imersos num rio de sangue, são alvejados pelas flechas dos centauros assim que ousam erguer um pouco a cabeça; os violentos contra si mesmos, isto é, os suicidas como Píer delle Vigne, transformados em árvores nodosas; os esbanjadores perseguidos e devorados por cadelas ferozes.
Os violentos contra Deus e os violentos contra a natureza são submetidos à implacável chuva de fogo; contudo, enquanto os violentos contra a natureza (isto é, os sodomitas, como Brunetto Latini) caminham, aliviando assim o seu tormento; os violentos contra Deus devem permanecer deitados sob o flagelo da chuva ígnea. Também os usurários são submetidos a ela, mas sentados, e movendo sem descanso as mãos para se defenderem.
Os dois poetas chegam assim à extremidade do sétimo círculo, onde se abre profundo e íngreme precipício. Para o superar, Dante deve subir com Virgílio na garupa de Gérion, um monstro alado com cauda afiada que, em lentíssimo vôo, desce com os dois ao fundo do abismo. O oitavo círculo é dividido em dez fossos, ligados por pontes. Num crescendo de horror, numa atmosfera cada vez mais alucinante, entram no lugar chamado Malebolge, “de cor ferrosa, escura, como o penhasco de que vai rodeado”. O longo desfile de pecadores continua. Na segunda parte do Inferno, o espetáculo torna-se ainda mais horroroso.
Eis os alcoviteiros flagelados por demônios cornudos; os aduladores imersos em estrume; os simoníacos espetados com a cabeça para baixo em pequenos buracos, com as plantas dos pés em fogo; os adivinhos com as cabeças voltadas para trás. No quinto fosso, os vendilhões debatem-se em pez fervente: multidões de diabos (os “malebranche”) armados com arpões obrigam os desgraçados a permanecer inteiramente submersos. Para poder continuar, Virgílio

argumenta com Malacoda, o chefe dos diabos, que os libera, mas indica o caminho errado. Os hipócritas, oprimidos por pesadíssimas capas de chumbo, arrastam-se no sexto fosso. O sétimo está repleto de serpentes de todas as medidas, cores, venenos, que se lançam sobre os ladrões; envolvem os seus membros enroscando-se neles, apertam-nos e mordem-nos. Ao ser atingido, o infeliz incendeia-se e é completamente incinerado, para ressurgir de suas cinzas como a fênix da fábula. Mais além, por seu lado, os condenados, uma vez feridos, transformam-se em serpentes, enquanto as serpentes que os mordem se tornam homens. Todo o fosso fervilha de estranhos seres metamorfoseantes: caudas que se tornam pernas e línguas que se bifurcam. Depois deste monstruoso espetáculo, eis o crepitar de chamas que encerram os conselheiros fraudulentos, entre os quais Ulisses e Diomedes. Ulisses conta a sua última aventura no oceano sem fim, proclamando o destino dos humanos: "Relembrai vossa origem, vossa essência: criados não fostes como os animais, mas donos de verdade e consciência".
Depois de haver falado com Ulisses e com Guido de Montefeltro, Dante e o mestre fiel retomam o caminho, e encontram os promotores de discórdias e os cismáticos cortados em pedaços pelas espadas afiadíssimas dos demônios; entre chagas horrendas e restos de braços, aparece Bertrand de Born, trovador provençal que, tendo separado um pai do filho com maus conselhos, caminha segurando pelos cabelos a sua própria cabeça, separada do tronco.
No último fosso estão apinhados os falsários, oprimidos por terríveis doenças: os falsários de metais arranham furiosamente suas sarnas; os de moedas estão tumefatos; os mentirosos ardem de febre.
Saindo de Malebolge, o poeta julga ver vaga paisagem de torres, mas depois percebe que as torres são de fato três gigantes agrilhoados, que pouco a pouco emergem da bruma caliginosa. Trata-se de Efialto, Anteu e Nemrode, o que ousou desafiar Deus com a sua torre de Babel e que agora balbucia palavras sem sentido. Cabe a Anteu o encargo de fazer descer Dante e Virgílio ao derradeiro precipício: segura-os, inclina-se e os coloca no mais profundo círculo infernal. Ali não há fogo, nem demônios, nem gritos de condenados: o fundo do Inferno é gélido, um imenso bloco de gelo, feito a partir das águas congelantes do Cocito. Prisioneiros aí, com a cabeça imersa da estrutura gelada, estão os traidores, com os olhos imobilizados pelas lágrimas congeladas. Em meio àquela imobilidade alucinante, o conde Ugolino raivosamente rói o crânio do Arcebispo Ruggieri, que em vida o traiu e o condenou à morte por inanição, junto com filhos e netos.
Com a visão de Lúcifer, o anjo rebelde, reduzido agora a monstro com três bocas, cada uma das quais mastigando um dos três maiores traidores (Judas, traidor de Cristo, e Brutus e Cassius, traidores de César e, portanto, do Império), cai o pano sobre a tragédia da humanidade condenada. Agarrando-se aos pêlos das pernas de Lúcifer, Dante e Virgílio descem mais, até chegarem ao centro da Terra, de onde um estreito subterrâneo levá-los-á a "rever as estrelas", na outra parte do mundo, onde chegam no dia de Páscoa. A viagem através do Inferno durou três dias.

O Purgatório

Há instintivo respirar de alívio no emergir da "aura morta" e no reencontrar, acima de si, o céu, com a "dulcíssima cor da oriental safira". Graças a Deus, tudo é diferente no Purgatório: a paisagem, a atmosfera, a luz que chove do alto.
Desaparecem o ódio, a rebelião, o crime. Enquanto as personagens infernais eram visceralmente ligadas à vida na Terra e aos pecados que ainda reviviam e que reviveriam por toda a eternidade, os penitentes do Purgatório, afastados das vicissitudes terrenas, encontram-se ansiosamente tendidos para a sua futura união com Deus. As tragédias sofridas na Terra estão muito afastadas e já não fazem bater o coração.
As próprias penas a que os purgandos estão submetidos não têm o terrível relevo plástico do Inferno. O sofrimento físico quase desaparece perante a mais torturante dor espiritual, mitigada, porém, pela resignação e pela esperança. Mal chegado à praia da ilha, enquanto descobre as estrelas do hemisfério austral e o esplêndido cruzeiro do sul, Dante percebe, de súbito, perto de si, um velho de barba branca. É Catão, o estrênuo defensor da liberdade, aquele que em Útica se

matou por não suportar a derrocada da Roma republicana, e que lhe cobra explicações por tão inusitada aparição. O rosto de Catão é iluminado por quatro estrelas do céu, representando as quatro virtudes morais cardinais: prudência, temperança, fortaleza e justiça. Agora é o guarda do Purgatório, por isso a montanha da expiação é o reino da liberdade em relação ao pecado, liberdade em relação ao arbítrio. Virgílio fala-lhe com grande reverência e obtém para si e para o seu discípulo autorização de subir a montanha. Antes, porém, de começar a viagem, Virgílio recolhe o orvalho das ervas e com ele lava o rosto de Dante, para o libertar de toda a sujidade caliginosa do Inferno.
Subitamente aproxima-se sobre o mar uma luz: trata-se de um anjo, rente à popa sobre um barco "ligeiro, que a água apenas roçava, levemente" que ele faz deslizar com o adejo das grandes asas. Sentam-se no barco mais de cem espíritos que estão chegando ao reino da expiação. Entre eles encontra-se Casella, que já em vida havia musicado as poesias de Dante (da obra "Convívio") e que agora, tendo desembarcado e reconhecido o amigo, não hesita entoar a famosa "Amor que em mente conjetura" ("Amor che ne la menti mi ragiona"). As almas apinham-se em volta para ouvir o "doce canto", mas Catão repreende-as pela demora, e elas correm para as encostas do monte. Também os dois poetas se dirigem apressadamente para a montanha e, enquanto Virgílio procura um carreiro que permita a Dante subir, um grupo de almas os alcança. Depois de ter sabido porque razão um vivo se encontra naquele lugar, uma delas se identifica: é Manfredo, que, embora excomungado, se salvou num extremo impulso de arrependimento.
A subida é rude, e Dante avança agarrando-se com as mãos o melhor que pode. Chega, porém, à primeira plataforma, que constitui uma espécie de vestíbulo (Ante-Purgatório), onde os que tardam a se arrepender esperam o momento de entrar no Purgatório. Dante encontra Belacqua, um famoso ocioso dos seus tempos; e Buonconte de Montefeltro, combatente gibelino em Campaldino; e, enfim, depois de muitos outros, a suavíssima e infeliz Pia de Tolomei.
Um encontro singular é o de Virgílio com Sordelo, mantuano como ele. Esta confraternização inspira a Dante a hoje célebre invectiva contra o estado das coisas na Itália: "Ah dividida Itália, imersa em fel, nau sem piloto, em meio do tufão, dona de reinos, não, mas de bordel". Guiados por Sordelo, os viajantes dirigem-se para o Vale dos Príncipes, onde se encontram as almas dos reis e senhores que, absorvidos por seus afazeres, só no último instante voltaram o olhar para Deus.
Dante adormece, para se encontrar na manhã seguinte, misteriosamente, em frente da verdadeira entrada do Purgatório, o portão de São Pedro, cujos três degraus representam a contrição, a confissão e a penitência. Um anjo portando uma espada nua traça-lhe na fronte "sete pês", representando os sete pecados capitais que serão apagados pouco a pouco por outros anjos, à medida que Dante passe de faixa em faixa, observando aqueles que expiam os sete pecados capitais e meditando sobre exemplos de virtudes ou de vícios castigados.
A soberba expia-se na primeira plataforma onde as almas caminham curvadas sob pesos enormes e olham para esculturas que representam exemplos de humildade. Entre os condenados está Oderisi de Gubbio, que reconhece Dante e prevê seu exílio. Na segunda plataforma, os olhos dos invejosos estão cosidos com fios de ferro, enquanto vozes ignotas gritam exemplos de inveja castigada; no terceiro círculo, entre exemplos de mansuetude e densa fumarada, é expiada a ira; na quarta correm alucinadamente os preguiçosos; na quinta jazem por terra, de bruços e com mãos atadas, os avarentos.
No quinto círculo, Dante e Virgílio encontram a alma de Estácio, o poeta latino convertido, que, tendo terminado a expiação, sobe a montanha; acompanham-no, e os três passam para o sexto círculo, onde os gulosos, entre os quais Forense Donati, amigo de Dante, estão reduzidos a magreza esquelética. Durante a viagem, Estácio fala da sua conversão ao cristianismo e Virgílio dos seus companheiros do Limbo. A conversa torna-se cada vez mais erudita, versando sobre a teoria da formação do corpo e da alma sensitiva, sobre a origem da alma racional e sobre a sobrevivência da alma ao corpo.
Os três chegam ao sétimo círculo, onde os luxuriosos ardem no fogo. É preciso que também Dante passe pelas chamas para purificar-se, e o bom Virgílio deve recorrer à recordação de Beatriz para levar o relutante discípulo a entrar no fogo. Superada a prova, Dante cai num sono

profundo e sonha com jovem e bela mulher que vai colhendo flores para se engrinaldar: é Lia, símbolo da vida ativa. Uma última subida e eis as maravilhas do Paraíso Terrestre.

Chega, entretanto, o momento da despedida de Virgílio: esperando a chegada de Beatriz, Dante já não precisa ser amparado por seus conselhos. Na "divina floresta, espessa e viva", o poeta move sozinho os seus passos, voltando-se, porém, para o seu mestre, que o olha afetuosamente de longe. Chega junto de um límpido regato, de onde avista uma mulher de celeste beleza, Matelda, que caminha "cantando e escolhendo flores no meio de flores". Matelda é a guardiã da inocência primitiva do Éden.

Mas já se vê avançar mística procissão: sete candelabros ardentes, vinte e quatro mulheres cingidas com flor-de-lis, quatro animais com seis asas cada e o carro alegórico da Igreja, que sofre série de espantosas transformações e em volta do qual dançam as três virtudes teologais, fé esperança e caridade, e as quatro virtudes cardeais, prudência, temperança, fortaleza e justiça. Eis que “sob alvíssimo véu, a que cingia um ramo de oliveira, e verde manto, em traje rubro uma mulher surgia”. A emoção do poeta atinge o clímax. É Beatriz. Dante sente nascer em si a antiga chama e volta-se para tornar Virgílio participante de tão extrordinário acontecimento, mas o mestre já havia desaparecido em silêncio.

Beatriz, que simboliza a luz da verdade divina, repreende severamente Dante por seus pecados, convidando-o a confessá-los. A confissão purifica o poeta, que, depois de haver sido imerso por Matelda nos dois rios do Paraíso Terrestre, o Leto, que faz esquecer as culpas cometidas e o Eunoé, que desperta a memória das boas ações, está finalmente preparado para subir ao Paraíso Celeste.

O Paraíso

O Paraíso Celeste é o reino da beatitude, da consonância da vontade dos bem-aventurados com a de Deus. É também o canto das dissertações teológicas, das doutas explicações que Dante recebe de sua dama e de outros eleitos. Principalmente é o canto da luz que resplende, que irradia, flameja, palpita sobre as figuras dos bem-aventurados, nos olhos de Beatriz, sobre as esferas que se movem nos céus, e que se torna tanto mais ofuscante quanto mais se aproxima de Deus. Acima deles, os sete céus planetários, o céu das estrelas fixas e o céu cristalino (primum mobile).

No Paraíso, os bem-aventurados residem todos no Empíreo em contemplação de Deus, mais perto ou mais longe d'Ele segundo seu mérito, mas todos felizes com o seu estado. Só para fazer compreender a Dante a arquitetura celeste, e para lhe mostrar os diversos graus de felicidade, os bem-aventurados se agrupam nos sete céus planetários, segundo as influências que teriam sofrido em vida, conforme as regras astrológicas medievais. A Lua está associada à virtude inconstante; Mercúrio à ambição, Vênus ao amor terrestre; Sol à prudência; Marte à fortaleza; Júpiter à justiça e Saturno à temperança.

Do Paraíso Terrestre, Dante e Beatriz erguem-se com movimento rapidíssimo para a esfera do fogo e, ultrapassando-a, chegam ao primeiro céu, o da Lua, onde se encontram os espíritos daqueles que foram constrangidos pela violência a serem infiéis aos votos religiosos. Dante encontra aí Piccarda Donati, ocupante do primeiro céu por causa de sua inconstância.

No céu de Mercúrio pairam os espíritos que usaram do seu talento para fazer o bem. E aqui se revela a Dante Justiniano, que celebra, em grandes linhas, a história do Império Romano, de Enéas a Carlos Magno. Depois do encontro com o imperador, Beatriz tira algumas dúvidas do poeta falando-lhe da morte de Cristo, da redenção do pecado original, da incorruptibilidade do que foi criado diretamente por Deus.

Assim discutindo, chegam à esfera de Vênus, onde, entre os espíritos que fortemente amaram, encontram Carlos Martel, filho de Carlos II de Anjou. Passando por Florença em 1294, o jovem angevino conhecera Dante e dera-lhe prova de grande amizade, sacrificada por sua morte prematura. Depois dele, outros espíritos amantes se revelam ao poeta: Cunizza da Romano e Folco de Marselha, que censura a vergonhosa avareza dos eclesiásticos.

No quarto céu, o do Sol, brilham as almas sapientes e triunfam os teólogos. Dante encontra lá São Tomás de Aquino e São Boaventura de Bagnoregio, que tecem elogios aos dois grandes campeões da fé, São Domingos e São Francisco, o primeiro pelo caminho intelectual, o segundo pelo caminho místico.
No quinto céu, de Marte, estão dispostas em forma de cruz luminosa as almas dos que morreram combatendo pela fé de Cristo. Do braço direito da cruz fulgurante revela-se ao poeta o seu trisavô, Cacciaguida, morto na segunda cruzada. Cacciaguida fala da Florença dos tempos antigos, quando a população, encerrada no primeiro círculo de muralhas, "estava em paz, sóbria e pudica", e prediz a Dante o exílio, exortando-o todavia a suportar as injustiças confiando em Deus: "... não cedas a invejas ou desídias que tua vida durará bastante por veres castigadas tais perfídias".
Ao chegar à sexta esfera, a de Júpiter, Dante e Beatriz encontram os governantes justos como os cristãos Carlos Magno e Godofredo de Bulhão, bem como governantes pagãos como Rifeu de Tróia e Trajano de Roma. Dante questiona a presença de pagãos no Paraíso e é advertido a não presumir os desígnios de Deus.
Dante continua a subir com Beatriz: no sétimo céu, o de Saturno, os espíritos contemplativos estão ordenados segundo escala admirável que sobe até ao Empíreo. São Pedro Damião fala do mistério da predestinação; São Bento conta de si e da ordem que fundou no Monte Cassino e lamenta a sua decadência.
O oitavo céu é o das estrelas fixas: em forma de fúlgido sol, no meio das mil esplêndidas luzes dos bem-aventurados, Dante assiste ao espetáculo das sete esferas concêntricas inferiores movendo-se em torno da terra e ao triunfo de Cristo, que desce das alturas com tal luminosidade, que Dante em princípio não consegue vê-Lo. Jesus está com Maria e os anjos. Antes da ascensão ao nono céu, São Pedro, São Tiago e São João interrogam o poeta sobre a fé, a esperança e a caridade. Dante supera com êxito este exame acerca das virtudes teologais e ouve de São Pedro a mais rude invectiva contra o papado e a sua corrupção. Aos três apóstolos junta-se Adão, que desvenda ao poeta a natureza do pecado original e lhe diz quantos anos passaram desde a criação do homem, quanto tempo ficou no Paraíso Terrestre e que língua falou.
Depois de um hino de agradecimento a Deus, os bem-aventurados sobem para o nono céu, ou primum mobile. Dante contempla acima nove esplêndidos coros angélicos, cujas virtudes e funções lhe são explicadas por Beatriz; ela fala da causa, do lugar e do tempo da criação dos anjos, das suas faculdades, do seu número e das trágicas diferenças entre os anjos fiéis e os rebeldes. Beatriz esclarece que a hierarquia angélica é composta por nove grandes coros ou ordens, subdivididas em três tríades: serafins, querubins e tronos; dominações, virtudes e potências; principados, arcanjos e anjos.
Dispersos os anjos, comparece perante os olhos de Dante ofuscante rio de luz que toma a forma de Rosa Celeste, formada pelos espíritos triunfantes e pelos anjos, em volta de Deus. É o Paraíso dos contemplantes. Beatriz deixa Dante e vai ocupar o seu lugar abaixo no terceiro círculo dos eleitos. Junto do poeta está agora São Bernardo, o mais ardente dos místicos, que o guiará, pois que Dante, agora, não poderá seguir com a força da razão, mas apenas por arroubos extáticos.
Invocada por São Bernardo com uma estupenda oração, a Virgem intercede junto de Deus e obtém para Dante a graça sublime: o poeta tem a visão da Divindade.
É um átimo inefável, um entrever para além das capacidades humanas, um fulgor faiscante que a memória não pode fixar. E, com a vista do inexprimível, Dante termina o poema, dizendo "Aqui findou, sem força, a fantasia: mas já ao meu querer soltava as velas, qual a roda, co'o moto em sincronia o Amor que move o sol, como as estrelas".

(Variante muito aumentada e modificada da introdução a “A Divina Comédia“ da Editora Martin Claret).